

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Sociedade, imagem e biografia na litografia de Sebastião Sisson

Paulo Roberto de Jesus Menezes*

Resumo: A biografia foi um gênero de escrita importante no Brasil do século XIX. Tendo como fonte de inspiração a *historia magistra vitae*, difundida pelo IHGB, a Galeria dos Brasileiros Ilustres de Sebastião Sisson destacou-se por ter apresentado novidades em sua confecção: a associação até então pouco explorada em obras biográficas de imagens e texto. Isto ocorreu no bojo daquilo que Stephen Bann denominou de “cultura visual do ocidente”. O principal objetivo deste artigo é analisar a introdução da imagem na escrita biográfica do oitocentos, especificamente a obra do litógrafo Sebastião Sisson e a sua difusão na sociedade.

Palavras-chave: Biografia – Imagem – Litografia.

Abstract: Biography was an important writing in Brazil during XIX century. The *historia magistra vitae* spread out by the IHGB was a source of inspiration for the majority of these works. The Gallery of the Illustrious Brazilians of Sebastião Sisson distinguished itself for having presented new features in its confection: the until then little explored association of image and text in biographical works. This occurred in the bulk of what Stephen Bann called of “west visual culture”. The main objective of this article is to analyze the introduction of image in the biographical writing of the eighteen century, specifically the work of the lithographer Sebastião Sisson and its diffusion in society.

Keywords: Biography – Image - Litography

f

Elaborar uma imagem exige sofisticados arranjos mentais tanto por parte de quem cria quanto daquele que a interpreta. A fotografia e a litografia são as técnicas de obtenção e reprodução de imagens que interessam na elaboração desta comunicação. Foi o seu desenvolvimento que propiciou, no século XIX, maior aproximação entre o dito e o visto.

A proposta a orientar este trabalho é por um lado, refletir sobre a biografia enquanto um gênero de escrita capaz de destacar ou mesmo glorificar pessoas, e por outro, discutir a importância da experiência visual para a sociedade da corte e seu desdobramento na elaboração de um discurso histórico calcado na modernidade que naquele momento traduzia-se na palavra civilização.

Segundo Lygia Segala, foi em 3 de julho de 1839 que o físico e deputado republicano François Arago, anunciou na Câmara o invento fotográfico de Joseph- Nicéphore Niépce e de Louis-Jacques-Mande Daguerre. Nesta fala, o deputado defendeu a utilidade na nova invenção para as artes e para as ciências, bem como a rapidez do processo e a revolução do olhar que a técnica oferecia ao aproximar “imagens fiéis de objetos e paisagens distantes, guardando do tempo monumentos históricos” (SEGALA,1998:11).

Em agosto do mesmo ano é o próprio Daguerre quem revela seus resultados para membros das Academias de Ciências e de Belas-Artes. A repercussão é imediata e há uma profusão de manuais e a venda dos primeiros aparelhos. Cinco meses após é realizado no Brasil pelo francês Louis Comte o primeiro experimento com o daguerreótipo. O evento, segundo Lygia Segala, é anunciado pelo principal periódico da cidade – o Jornal do Comércio – com muita eloquência e dava especial atenção ao fato de ser possível a partir daquela máquina “fixar pessoas e as coisas como a natureza as havia criado”(idem:12). Daí em diante, a fotografia se expandiu aos costumes das famílias até fazer parte do dia-a-dia da sociedade contemporânea.

Segundo Rogéria Moreira de Ipanema, “a arte da litografia consiste em executar uma imagem ou texto sobre uma pedra calcária e imprimi-los” (IPANEMA, 1995:42). Esta técnica teria sido inventada no ano de 1796 por Aloys Senefelder, jovem artista nascido em Praga no ano de 1771. Assim como a fotografia, a litografia tomou um grande impulso expandindo-se por toda a Europa e sendo a cada dia aprimorada.

Boris Kossoy, defende que a civilização da imagem começa a se delinear no momento em que a litografia “ao reproduzir em séria as obras produzidas pelos artistas do princípio do oitocentos inaugura o fenômeno do consumo de imagem enquanto produto estético de interesse artístico e documental” (KOSSOY, 2001:134), vindo o conhecimento visual tornar-se moda nas primeiras décadas após o advento da fotografia. Para Kossoy, esta “civilização da imagem” se configura concretamente no momento em que a imagem fotográfica se vê impressa e veiculada em massa através de cartões-postais e das publicações ilustradas”(Idem: 135-136).

O Brasil conhece a técnica litográfica quase simultaneamente ao seu desenvolvimento na Europa. Com dois pólos distintos de desenvolvimento: um informal – com o artista francês Arnaud Julien Pallière -, e outro formal – com a determinação do Imperador D. Pedro I de contratar o suíço Johann Jacob Steinmann para introduzir a técnica aqui -, a litografia se difunde em princípio na corte para daí se espalhar para quase todo território. O caráter inovador e representante do progresso atribuído à litografia estava ligado ao fato de propiciar a reprodução em grande escala de imagens que de certa forma, como salienta Renata Santos, viria suprir a demanda por imagens de uma classe média crescente (SANTOS, 2003:57). Já na década de 1850 a litografia e a fotografia seriam técnicas complementares pois a imagem produzida pelo daguerreótipo seria copiada pelo processo litográfico, propiciando assim a reprodução em escala ampliada.

No momento da invenção e difusão do uso da fotografia e da litografia, o Império independente dava seus primeiros passos. É fartamente documentado o entusiasmo do Imperador Pedro II pelas novas técnicas¹. Para Lilia Moritz Schwarcz, o monarca faria da fotografia um forte instrumento de divulgação de sua imagem que, devido a rapidez das reproduções, exerceriam forte atração na sociedade sendo sinônimo de progresso e qualidade (SCHWARCZ,1998:345-346).

A Galeria dos Ilustres de Sebastião Sisson² foi uma obra biográfica que despontou no Império com o advento da fotografia/litografia. Ligada ao desenvolvimento de uma relação até então pouco explorada, a associação de imagens e texto ocorre no bojo daquilo denominado por Stephen Bann de “cultura visual do ocidente” (Apud, ZENHA: 135). No caso de Sisson, a ligação do retrato da pessoa à sua biografia é imediata. Entretanto, a associação só se daria plenamente na medida em que as técnicas de reprodução passassem da esfera do lazer pessoal a uma atividade rentável.

A primeira edição da Galeria dos Brasileiros Ilustres – Os Contemporâneos, data de 1859. Inicialmente a obra foi um projeto do fotógrafo Victor Frond em sociedade com Sisson, no qual as fotografias do primeiro seriam litografadas pelo segundo. A parceria, no entanto, não teve êxito. Para Lygia Segala, a sociedade teria sido desfeita “talvez porque Frond visse a Galeria brasileira descaracterizada e sujeita a inserções negociadas cá e lá, em função do nome, do capital econômico e do prestígio já nas tiragens iniciais” (op.cit.: 133).

Com o extenso título “Galeria dos brasileiros ilustres (Os contemporâneos): retratos dos homens mais ilustres, desde a guerra da Independência até os nossos dias. Copiados do natural e litografados por S. A. SISSON, acompanhados de suas respectivas biografias publicadas sob a proteção de Sua Magestade o Imperador”, a obra foi publicada em dois volumes, composta de 90 retratos litografados em tamanho 25 x 30cm e assinados por S. A. Sisson. O exemplar a que se tem acesso no IHGB está encadernado em capa dura numa edição com aspecto luxuoso. As litografias feitas em papel especial são seguidas de notas biográficas sem autoria.

Nesta obra, as notas biográficas são precedidas pelo retrato do biografado o que, garantiriam, segundo Lygia Segala, “larga visibilidade ao nome como bem simbólico, desdobrando da imagem a história vivida (op.cit:131). Para além das novidades introduzidas

¹ Este fato não causa estranheza pois, segundo Martin Warnke, o retrato era o principal instrumento da política da corte no antigo regime. Segundo ele, com a crescente importância da personalidade do soberano tornava-se mais relevante a análise psicológica nas relações políticas fazendo com que se exigisse do retrato a apresentação de traços individuais. Provavelmente, o Imperador buscou aí a inspiração para esta atitude

² Para este artigo utilizei a versão da obra de S.A SISSON, da coleção Brasil 500 anos, editada pelo Senado Federal, 1999.

no aspecto físico de sua obra, importa a orientação adotada por Sisson, na escolha das personagens de sua galeria. O uso de palavras como progresso, futuro, posteridade podem ser sinais do caminho percorrido em sua seleção. A inserção da foto do biografado, seria, como defende Lilia Moritz Schwarcz (op.cit.: 349), tanto uma forma de mostrar modernidade quanto uma marca de status e de civilidade.

Para Sisson, mais que relatar os feitos heróicos era preciso mostrar o retrato do homem ilustrado, “procurar na frente do sábio os cálculos profundos de sua vasta inteligência” (op.cit.:13). Junto a sua história devia aparecer o rosto e a indumentária como forma de marcar aquela personalidade através de palavras e pela imagem. Mas não qualquer imagem e sim a do homem público como ele salienta:

“Em nossos trabalhos biográficos, esmerilhando cuidadosamente a vida pública do homem suspenderemos nossos passos diante do lar doméstico e cerraremos os olhos ao proceder particular; não pertence ao escritor a vida íntima do cidadão, somente à tradição cabe revelar esses detalhes para completar o caráter dos homens célebres” (op.cit.:15).

O homem público é aquele ligado de uma forma ou de outra às tarefas de elaboração do Estado: o magistrado, o religioso e o oficial das armas são figuras que serviriam como exemplo para as novas gerações. Nas palavras do editor, sua obra tinha como missão exclusiva de transmitir à posteridade os traços dos principais personagens do heróico drama da Independência do Brasil e dos herdeiros daquele legado.

Falemos um pouco mais sobre estes ilustres brasileiros. Os biografados tinham sempre olhares sérios, roupas sóbrias e em muitos casos ostentavam o brasão imperial tentando talvez indicar qual a nação desejavam construir e continuar, e que sistema político pretendiam ver perpetuado na pátria que ajudavam a formar com seus exemplos.

As províncias que mais fornecem nomes para a galeria de São Rio de Janeiro com vinte e dois nomes, Bahia com dezesseis, seguidas de Minas Gerais e São Paulo com treze. Pernambuco oferece cinco nomes, Goiás com três, Pará, Curitiba, Santa Catarina, todos com um, completam a lista. Portugal é também o local de nascimento de treze homenageados. Isto mostra que a questão da nacionalidade, ainda que caminhando para a solução, tem ainda vestígios da indefinição do começo do século.

Coimbra é também o grande “celeiro” de personalidades para Sisson. São vinte e sete os lá formados. A Academia de São Paulo, a Academia de Marinha e ainda Olinda formam respectivamente dez, oito e sete dos “brasileiros ilustres”. A Escola Militar de Lisboa,

a Escola Cirúrgica, o Colégio dos Nobres de Lisboa também colaboraram na formação dos grandes homens da pátria.

Na Galeria a grande área de formação é o direito. Nada menos que trinta e nove personalidades são formadas em Direito e/ou Ciências Sociais e Jurídicas. A matemática com quatro, cânones com quatro, a formação militar com três, a teologia com dois, letras com um, medicina com um, e o comércio também com um são os outros campos em que se formam os brasileiros ilustres.

As letras e a religião deixam de ter tamanha importância na obra de Sisson. Os poetas ou literatos somam apenas seis nomes e os religiosos oito. O “homem de Estado” é a grande novidade desta Galeria. De todos os que passam a figurar na galeria de ilustres, quarenta e nove exerceram ou exerciam na época algum cargo na estrutura do Estado imperial. Ministros, Conselheiros, entre outros, estão entre os mais lembrados para figurarem na posteridade. Somam vinte aqueles que só exerceram cargos representativos – os políticos. E dezenove são os biografados que por suas atuações puramente militares são considerados aptos a preencher o panteão da pátria. São estas as principais personagens do “heróico drama da Independência” que o editor se propõe a transmitir à posteridade. Outras ocupações como a de diplomata, jornalista, médico, comerciante e advogado são também lembradas, entretanto, são sobrepostas pelas grande número das demais.

As mulheres seriam lembradas tanto pela condição de nobreza quanto pelas características inerentes à mulher. A mãe amorosa, a esposa terna, as filhas prendadas e inocentes revelam uma preocupação não declarada de dar à pátria uma maternidade que até então ela não tinha. As três mulheres que figuram na galeria de ilustres compõem a família imperial. As “Princesas Imperiais” D. Isabel e D Leopoldina são homenageadas em um poema de duas páginas publicado praticamente no meio do primeiro volume da obra. Já D. Thereza Christina, “Imperatriz do Brasil” - a mãe - fecha, diríamos com louvor o primeiro volume daquela galeria.

Ao associar nação e família, amor materno e honra dos filhos da nação, Sisson distancia-se da proposta feita inicialmente de fixar sua obra no fazer do homem público e cerrar os olhos ao proceder particular. Afinal mãe, filhos estão, naquela sociedade, associadas à vida privada e à família. O modelo augusto de mãe a ser seguido é a chave com a qual o editor pensa em angariar adesões no que toca ao público feminino. É a imperatriz também quem poderia assegurar o futuro da nação através da maternidade fincando raízes da monarquia na nova nação, o êxtase da pátria – a mãe mais extremosa – poderia, então,

completar-se. A imagem de mãe protetora, da mulher exemplar e da esposa realçavam o sentido de vida exemplar da imperatriz:

“Atualmente, dedicada à educação das princesas Isabel e Leopoldina, S.M. ensina às mães como, entre as galas do poder, se desvela o coração no cultivo dos grandes momentos. (...) Mãe inteligente e amorosa, como é esposa terna e amante, a imperatriz é hoje o modelo augusto, em que os brasileiros estudam o desenvolvimento e a beleza dos maiores afetos. (...); os pobres invocam-na como assídua esmoler; os órfãos como mãe; e o seu povo, como a mais eficaz das protetoras” (op.cit: 470)

As metáforas utilizadas permitem algumas especulações. Com o futuro “assegurado” pela maternidade da imperatriz, a pátria tem também agora a quem recorrer - a mulher e a mãe - para sarar muitos de seus problemas e suas dores. Os pobres podem receber a caridade do trono imperial e o povo em geral pode contar, e porque não gozar, da segurança oferecida pelo Estado. Afinal, tendo agora a “mãe” que lhe faltava e após um doloroso parto, a pátria pode nascer por completo.

É claro que a obra de Sisson não estava imune à força dos cânones difundidos pelo IHGB. Entretanto, a partir de sutis modificações em sua composição é possível supor que uma nova maneira de conceber a escrita biográfica estava delineando-se naquele momento. Ao fazer uso da imagem do biografado a galeria surgia como algo inovador em termos de biografias, com maior possibilidade mercadológica, tendo em vista ainda que tornava-se uma prática na corte o uso de fotos para serem presenteadas e mesmo trocadas, ou seja, a fotografia como instrumento de sociabilidade. A sociedade transformava-se rapidamente e uma outra imagem de si mesma seria elaborada a partir da inserção em seu cotidiano das modernas técnicas de reprodução iconográficas. Jornais, álbuns ilustrados e outras formas de divulgação pela imagem teriam crescimento vertiginoso a partir da segunda metade do oitocentos. Segundo Rogéria Ipanema (op.cit.:547), “as estampas povoaram as ruas, os lugares, os assuntos comentados, o comércio, as residências”.

Sisson publica a Galeria dos Brasileiros Ilustres em 1859 e 1861. Como visto, além das biografias ela trazia o retrato litografado do biografado. O que teria mudado desde a instalação da Coroa portuguesa no Brasil em 1808 até aquele momento? Podemos afirmar que a publicação das biografias aqui levantadas seriam formas de superação de um passado e indicativo de uma sociedade que se modernizava e tornava mais complexa? O que estava em jogo no momento de editoração e publicação das obras do IHGB e de Sisson? O que efetivamente estas personas representavam naquela sociedade para serem focos de homenagem? São questões para serem respondidas em próximos trabalhos.

Bibliografia

- BORGES, Vavy Pacheco. O Que é História – Coleção Primeiros Passos. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. Teatro de Sombras: A Política Imperial. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.
- _____. A construção da ordem: A Elite Política Imperial. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
- CHÂTELET, François. História das Idéias Políticas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000
- ENDERS, Armelle. “O Plutarco Brasileiro”: A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, V.14, No. 25: 2000. P.41-62.
- GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O IHGB e o Projeto de Uma História Nacional. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, No.1: 1988. P. 1-184
- HARTOG, François. O Espelho de Heródoto: Ensaio Sobre Representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- HARTOG, François. O Século XIX e a História: o caso Fustel de Colanges. Rio de Janeiro: editora da UFRJ.
- HARTOG, François. Regime de Historicidade. Texto da Conferência proferida em outubro de 2005 no IFCH/UFRGS, cedido pelo autor.
- IPANEMA, Rogéria Moreira de. A Idade da Pedra Ilustrada. Litografia: um monolito na gráfica, e no humos do jornalismo do século XIX no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em História e Crítica de Arte. Rio de Janeiro, UFRJ, Escola de Belas Artes, 1995.
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro pasado. Para uma semântica de los tiempos históricos. Barcelona, Ediciones Paidós, 1993.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e História. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína.(orgs) Usos e Abusos da História Oral. RJ, FGV. 1996. pp 167-182
- LORIGA, Sabina. A Biografia como Problema. In: REVEL, Jacques (org.). Jogos de Escala: A Experiência da Microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- MOTA, Carlos Guilherme. Idéias de Brasil: Formação e Problemas(1817-1850), In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). Viagem Incompleta: A Experiência Brasileira (1500-2000). São Paulo: SENAC, 2000.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: 1992.

REIS, José Carlos. As Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. In: REVEL, Jacques (org.). Jogos de Escala: A Experiência da Microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SANTOS, Renata. A Imagem negociada: A Casa Leuzinger e a edição de Imagens no Século XIX. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ.

SEGALA, Lygia. Ensaio das Luzes sobre um Brasil Pitoresco: o projeto fotográfico de Victor Frond, 1857-1861. Rio de Janeiro, Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, 1998.

SISSON, S. A. Galeria dos Brasileiros Ilustres (os contemporâneos), retratos dos homens mais ilustres do Brasil, na política, ciências e letras, desde a guerra da independência até os nossos dias, copiados do natural e litografados por S.A Sisson, acompanhados das suas respectivas biografias. Publicado sobre a proteção de S.M. o Imperador. Rio de Janeiro, S. A Sisson, Editor, 1859. 2 Vol.

SONTAG, Susan. Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Iara Lis Franco S. Carvalho. Pátria Coroada: O Brasil como Corpo Político Autônomo-1780-1831. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

ZENHA, Celeste. “O Brasil de Rugendas nas Edições Populares Ilustradas”. In: Topoi, Revista de História/ Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, no. 5, Rio de Janeiro, Editora 7 letras, 2002.

WARNKE, Martin. O Artista da Corte: os Antecedentes dos Artistas Modernos. São Paulo: EdUSP, 2001.